

RECONSTRUINDO A HISTÓRIA COMPOSICIONAL DO EVANGELHO DE JOÃO: UMA BREVE AVALIAÇÃO DA TEORIA DE RAYMOND BROWN

Rebuilding the Compositional History of John's Gospel: a Brief Evaluation of Raymond Brown Theory

Jonatas Leal¹

RESUMO

O presente estudo visa avaliar a teoria composicional de Raymond Brown. Segundo ele, o Evangelho é fruto de uma tradição que se desenvolveu ao longo de até quatro décadas. Sua tentativa marca uma importante mudança do estudo da composição de João. No entanto, não obstante original, sua teoria segue influenciada pelo criticismo histórico. No fim será possível perceber de que forma sua teoria impacta a teologia e a interpretação do Evangelho de João.

PALAVRAS-CHAVE: EVANGELHO DE JOÃO; TEORIA DE RAYMOND BROWN; HERMENÊUTICA BÍBLICA.

ABSTRACT

The present study aims to evaluate the compositional theory of Raymond Brown. According to him, the Gospel is the result of a tradition that has developed over up to four decades. His trial marks a major shift from the study of the composition of John. However, nevertheless unique, his theory follows influenced by the historical criticism. At the end will be possible to realize how his theory impacts theology and the interpretation of the Gospel of John.

KEYWORDS: GOSPEL OF JOHN; RAYMOND BROWN THEORY; BIBLICAL HERMENEUTICS.

INTRODUÇÃO

O Evangelho de João desponta no cenário teológico como uma literatura singular. Desde o início da interpretação bíblica do Novo Testamento, ele tem sido alvo de intenso estudo. Sua influência na Cristologia do Novo Testamento é incalculável.

Desde o início também se tem discutido sobre a autoria desse importante Evangelho. Que o Evangelho veio da pena de João, o apóstolo, por meio da revelação divina era um lugar comum praticamente até o início

¹ Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP; Mestrando e Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE. Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações (UNICAP); Professor de Hebraico e Antigo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia da Bahia - SALT/IAENE.

do século 17. No entanto, a partir de então, com a supremacia do criticismo da fonte, da tradição e da forma isso tem sido seriamente questionado. Começando com o Pentateuco e alcançando praticamente cada livro bíblico, estudiosos formularam complexas teorias de desenvolvimento dos livros com um longo processo de duração até sua forma final. Tais reconstruções eram extremamente especulativas e sem qualquer apoio textual. Atualmente, mesmo nos círculos acadêmicos mais críticos, essas teorias têm sido alvo de grande desconfiança. Pode-se falar hoje de um retorno ao texto, onde tais especulações diacrônicas têm sido substituídas por análises sincrônicas que abordam o texto a partir de sua forma final.

No entanto, a influência do criticismo histórico parece estar longe de ser totalmente anulada. Um exemplo disso está na teoria composicional do Evangelho de João formulada por Raymond Brown (1928-1998). Embora ele busque uma distanciação da pesquisa das fontes orais ou escritas do livro tão criticada atualmente, sua proposta de composição a partir da “tradição” desenvolvida no seio da comunidade joanina continua bebendo implicitamente das teorias das fontes.

No presente artigo busca-se avaliar a teoria composicional de Brown à luz da evidência textual. Para isso, na primeira parte será apresentada uma justificativa de tal empreendimento mostrando a importância do Evangelho joanino para a teologia do Novo Testamento. Em seguida será apresentado um breve resumo da questão sobre a composição do Evangelho. Logo após, se explorará a teoria de Brown para o surgimento do Evangelho a partir de sua principal obra sobre João na série “Anchor Bible” (1967) levando em conta seu desenvolvimento final sobre o assunto exposto na obra lançada postumamente “A Introduction to the Gospel of John” (2003). Então, será proposta uma avaliação de seu pensamento sobre a composição de João. E finalmente, se buscará uma reflexão sobre as implicações práticas de se adotar a teoria de Brown sobre a composição do Evangelho de João. Será possível perceber que tal escolha nunca é feita sem importantes e definitivas consequências teológicas e hermenêuticas.

IMPORTÂNCIA E PECULIARIDADE DO QUARTO EVANGELHO

O Evangelho segundo João tem marcado drasticamente a teologia do Novo Testamento e o pensamento cristão como um todo, em particular no que diz respeito a sua elevada Cristologia. Verdadeiramente, não se pode exagerar sua importância no âmbito neotestamentário. Como bem afirmou Elwell (1996) poucos livros têm influenciado tanto a vida e o pensamento cristão como este.

Do ponto de vista teológico, junto com Romanos João forma as “torres gêmeas” (KÖSTENBERGER, 2000, p.1) do Novo Testamento. De fato, “as afirmações da deidade de Jesus e de suas naturezas divina e humana, decisivamente moldaram as formulações adotadas pelos concílios e credos da igreja primitiva” (KÖSTENBERGER, 2004, p.1).

Do ponto de vista biográfico-testemunhal, seu valor também deve ser salientado. Ele possui uma visão muito peculiar em comparação com aquela oriunda dos sinóticos. Em nenhum ponto a contradiz, mas seu quadro sobre a vida de Cristo é muito singular no meio das quatro testemunhas. De acordo com Thomas, ele é reflexivo, suplementar e corretivo (THOMAS, 1997, p.5). Mais do que narrar a vida de Cristo o autor retira dela meditações, salientando o que ele pensava e sentia. Em um momento “dá uma razão, em outro fixa a atenção para deduzir conseqüências ou fazer aplicações” (JAMIESON; BROWN, 1997). É suplementar, pois, em geral, trabalha com fatos que os demais evangelhos não registram. E é corretivo, pois seu registro também visa corrigir pensamentos equivocados sobre quem era Jesus.

Do ponto de vista literário, é uma peça de raro valor. As discussões sobre sua composição não podem ignorar sua unidade e beleza estilística. João consegue transmitir conceitos teológicos complexos em linguagem extremamente compreensível. Pode-se atestar que “seu estilo de linguagem é simples, mas seu pensamento é profundo” (BRYANT, KRAUSE, 1998). Por essa admirável síntese João acabou ficando conhecido como “o teólogo”.

Tendo em vista, sua importância e singularidade no contexto do estudo teológico ao longo da história da igreja e da teologia cristã, o evangelho de João tem sido alvo de exaustivo estudo. Uma das preocupações envolvidas no estudo do livro diz respeito à sua origem, que desde os primórdios do estudo do Novo Testamento com os Pais apostólicos é alvo de atenção. Desde o século 19 com a ascensão dos métodos histórico-críticos essa discussão tem sido reavivada. Muitas teorias diferentes têm sido postuladas. O passo a frente visa discutir resumidamente algumas delas.

TEORIAS SOBRE A COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE JOÃO

Embora haja uma tentativa “crítica” de reconstruir a “verdadeira” história de Cristo desde o século 2 com a formulação do Diatessaron de Taciano, onde ele busca construir uma harmonia dos evangelhos, não há dúvida da genuinidade e canonicidade do quarto evangelho até tempos recentes. Bruce tem razão ao afirmar que “de Irineu em diante, há virtual unanimidade na igreja quanto a canonicidade e autoria do quarto evangelho”

(1987, p.24). Ao longo da história da igreja cristã não há “nenhuma dúvida sobre a genuinidade e autenticidade deste evangelho até o fim do século dezoito; nenhum ataque formal sobre isto ocorreu até que Bretschneider em 1820 emitiu seu famoso tratado” (JAMIESON; BROWN, 1997).

No entanto, desde então esse quadro tem mudado radicalmente. Com o avanço da modernidade a Bíblia passou a ser estudada criticamente e todas as convenções tradicionais passaram pelo agudo crivo da “razão”. Um dos resultados mais famosos desse espírito iluminista foi o criticismo das fontes que se propunha a reconstruir os “verdadeiros” textos da Bíblia. Se supunha, então, que com boa intuição analítica e crítica seria possível discernir as diversas camadas de tradição por meio das várias fontes que formavam o texto bíblico dissecando “objetivamente” seu desenvolvimento em meio à sucessivas edições.

Muitos autores poderiam discutidos como representantes desse movimento. Porém, o espaço e escopo desse trabalho não permitem tal empreendimento. No que diz respeito ao evangelho de João, nenhum criticismo de fontes foi tão influente quanto aquele aplicado por Bultmann no início do século vinte. Ao analisar o evangelho, Bultmann conseguir discernir três fontes distintas². Segundo ele, a fonte “revelação-discurso” é a mais antiga e forma a base dos discursos colocados na boca de Cristo pelo editor. Esta deve ter sido escrita por um discípulo de João batista e recebe sensível influência gnóstica. Um exemplo de seu uso no evangelho é o prólogo. A segunda fonte, conhecida como “fonte dos sinais” forma a base para os contos de milagres e é análoga aos mitos do mundo helenístico. E a última fonte é chamada por ele de “fonte da paixão” que continha as histórias da ressurreição. O responsável pela união e edição das fontes é denominado por Bultmann como “redator eclesiástico” (BEASLEY-MURRAY, 2002, p. XLI) que deu a forma final ao evangelho imprimindo ao mesmo seu estilo próprio.

Além dessa teoria de fontes múltiplas para tentar explicar aparentes rupturas literárias presentes no evangelho há outras propostas. Em sua introdução ao comentário de João, Raymond Brown lembra algumas dessas possibilidades. Alguns recorrem à teoria de deslocamento acidental de blocos inteiros de material ou a ideia de múltiplas edições do evangelho até o estado presente. No mesmo local Brown (1967, p.XXV-XXXIV) demonstra a fraqueza dessas tentativas.

No entanto, todas essas teorias, incluindo a de fontes múltiplas de Bultmann, têm sido abandonadas. Numa renovada tentativa de explicar as “diferenças de estilo e linguagem, quebras e inconsistências na sequência”

² Um bom resumo da teoria das fontes de Bultmann pode ser encontrado em BORCHERT, 1996, p. 41-44.

(contradições cronológicas) e repetições no discurso bem como palavras que claramente não pertencem ao seu contexto, o foco tem mudado” (BROWN, 1967, p. XXV).

Em parte pela percepção de que a tarefa de discernir tais fontes antigas é algo totalmente subjetivo e especulativo, em parte pela identificação de um estilo joanino presente em todas as “fontes” discernidas por Bultmann³, as teorias de fontes múltiplas tem grandemente se enfraquecido.

Uma “nova ênfase tem focalizado a história da comunidade joanina e seu desenvolvimento” (BORCHERT, 1996, p.45). Assim, abandona-se a busca pelas fontes e se procura a tradição por trás do evangelho. Um marco dessa mudança é a obra de Raymond Brown, principalmente a discussão presente na famosa introdução de seu comentário à João (BROWN, 1967). Sua posição sobre composição do quarto evangelho será brevemente resumida a seguir.

TEORIA COMPOSICIONAL DE RAYMOND BROWN

Raymond Brown é um dos mais famosos e populares eruditos católicos até então. Segundo Faley, o estudo das Escrituras na igreja Católica desde o Vaticano II não tem tido uma figura tão central como Brown. Faley segue afirmando que ele foi inquestionavelmente o principal erudito bíblico católico nos Estados Unidos de sua época (FALEY, 1998, p.27). Sua mais significativa contribuição foi sobre o estudo do evangelho joanino. É importante salientar que a atenção aqui será voltada apenas à sua teoria de composição do evangelho e não ao seu valoroso comentário de João

De antemão, Brown rejeita qualquer possibilidade de João ter sido escrito por um único autor, pois segundo ele, “há características no Evangelho que tornam difícil qualquer teoria de autoria unificada” (BROWN, p. XXIV)⁴. No entanto, em vez de recorrer à busca pela identificação de diferentes fontes, como Bultmann e muitos outros, ele prefere entender o evangelho como fruto de uma comunidade joanina⁵ que no “espírito” de João traz o evangelho a sua forma final.

3 Schweizer identificou quarenta característica do estilo joanino presente nas três fontes propostas por Bultmann (BEASLEY-MURRAY, 2002, p. xxxix)

4 Brown (1967) provê alguns exemplo disso nas páginas XXIV-XXV de seu comentário.

5 Kieffe apresenta um bom resumo sobre a história da comunidade joanina Segundo o pensamento de Brown: Entre 50 e 90 havia dois grupos, um centrado ao redor de um homem que tinha conhecido a Jesus e teria se tornado o ‘discípulo amado; este grupo aceitou Jesus como um messias davídico. Outro grupo era crítico acerca do culto do templo e entendia Jesus contra um background mosaico. A fusão desses dois grupos foi um importante catalisador para o desenvolvimento de uma lata cristologia, que foi expressa na primeira versão do comentário. Por volta de 90 CE a comunidade tornou-se mais anti judaica sob a influência dos pagãos convertidos. Isto foi refletido em uma nova versão do evangelho. Por volta de 100 CE uma facção se reuniu em torno do autor das cartas joaninas e lutou contra os docetistas que super enfatizavam o aspect divino no evangelho e negligenciavam a humanidade de Jesus (KIEFFER, 2001).

Para Brown, a forma final do livro passou por cinco estágios⁶ que podem ser resumidos assim: (1) o existência de um corpo de material tradicional pertencente às palavras e obras de Jesus; (2) o desenvolvimento desse material nos padrões joaninos (embora ele pense em mais de um editor/autor, o livro revela uma escola de unidade de pensamento e expressão, o corpo principal da obra pertence ao pregador da escola); (3) a organização desse material do estágio 2 em um evangelho consecutivo, sendo essa a primeira edição do evangelho como obra distinta; o editor é chamado por ele de “evangelista”; (4) a edição secundária pelo evangelista; (5) uma edição ou redação final por alguém que diferente do evangelista a quem ele chama de “redator” (BROWN, 1967, p. XXXIV-XXXIX).

Brown não consegue escapar da esmagadora evidência externa e interna que aponta para João como autor do evangelho. No entanto, para ele João é autor enquanto fundador/originador de uma tradição desenvolvida posteriormente por sua “comunidade” (BROWN, 1967 p. LXXXVII). Ele admite que o processo de composição pode ter durado de três a quatro décadas e que a data final deve estar entre 90 e 100 AD, sendo a origem da tradição histórica colocada entre 40 e 50 AD e o primeiro estágio da escrita entre 70 e 85 AD (BROWN, p. LXXXVI).

Infelizmente Brown faleceu inesperadamente antes de terminar uma nova edição de seu comentário em 1998, mas o esboço inacabado da introdução foi retomado por F. J. Moloney e publicado com título “An introduction to the Gospel of John” (2003). Nessa introdução, o autor propõe um processo mais simples de desenvolvimento do evangelho com três etapas em vez de cinco. No entanto, isso não significa grande mudança visto que implicitamente cinco etapas continuam presentes.

No estágio um o livro tem suas origens no ministério e ensino de Jesus testemunhado por um discípulo. No estágio dois, por meio da transmissão/proclamação oral, o personagem conhecido como Discípulo Amado (que não é um dos Doze) entra em cena e no contexto da comunidade joanina ele repassa as memórias do apóstolo. O estágio três ocorre em dois momentos. O primeiro é a escrita criativa de um contador de história (storyteller) que ele chama de “evangelista”. Este recebe a tradição do Discípulo Amado e transmite criativamente uma história coerente e teologicamente motivada contendo sinais, discursos e narrativas. A segunda parte é o momento que um “editor” traz o evangelho à sua forma final, deslocando blocos narrativos para se ajustar aos seus propósitos e acrescentando o prólogo (1:1-18) e epílogo (21:1-25) (MOLONEY, 2003, p.4). Como se vê sua teoria continua praticamente inalterável, já que Brown divide a responsabilidade do primeiro

⁶ Logo em seguida será abordada a mudança para três estágios que o autor legou em sua nova introdução ao Evangelho de João publicada postumamente.

estágio em duas, a história em si o testemunho apostólico e divide o último estágio em duas etapas: a produção do evangelista e a revisão do editor.

Uma legítima mudança no seu pensamento quanto à composição do evangelho está no fato de salientar que “não é dever do comentarista decidir o que foi composto por quem, ou qual era a ordem original, nem se os compositores retiraram seu material de uma fonte escrita ou oral. Deveria se lidar com o evangelho de João como ele permanece hoje, pois é a única forma que estamos certos que já existiu” (BROWN, 2003, p.111).

Desde a obra de Brown muitas outras teorias ligadas a uma suposta tradição ou comunidade joanina tem surgido. Embora a tendência atual seja simplificar o processo de Brown (como se viu na obra dele ao adotar três estágios em vez de cinco), em linhas gerais muitas dessas teorias são versões modificadas de sua proposta⁷. A seguir, será oportuna uma breve avaliação de sua teoria composicional.

AVALIAÇÃO DA TEORIA COMPOSICIONAL DE BROWN

Não é possível exagerar a importância da obra de Brown para a teologia do Evangelho de João bem como para a interpretação deste importante livro bíblico. No entanto, no que diz respeito à sua teoria do desenvolvimento do Evangelho algumas questões podem ser elencadas.

Sua teoria possui dois méritos principais que devem ser aqui destacados. Em primeiro lugar, deve-se salientar sua inovação em pretender deixar de lado as especulativas tentativas de separar distintas fontes dentro do Evangelho. Na época, tal empreendimento marcou uma importante mudança de direção nos estudos literários de João, que do ponto de vista deste estudo deve ser visto positivamente. E em segundo lugar, a sua ênfase na importância de tratar o Evangelho como uma unidade literária, independente do longo processo de composição que defende, parece ser uma abordagem positiva. Ao abandonar em parte o método “tesoura-cola” do historicismo da era moderna o autor mostra não só consonância com as tendências literárias mais atuais, mas também melhores condições de apresentar a mensagem joanina a partir da presente organização do Evangelho. Pois, como ele mesmo afirmou, a forma canônica final é a única que sabe que certamente existiu. Segundo Carson, “a busca das fontes do quarto evangelho é uma causa perdida” (CARSON, 2007, p. 44).

⁷ Entre os exemplos que poderiam ser citados estão as teorias de Lindars (1981), Martyn (1979) e Borchert (1996). A última é resumida a seguir. “Há pouca razão para rejeitar a ideia que o filho de Zebedeu foi a figura mais importante e o testemunho autêntico envolvido na escrita deste Evangelho. Eu não pensaria necessariamente que ele foi o escriba efetivo desta obra nem que ele teria se auto designado como discípulo amado. Também não penso ser impossível que o Evangelho foi a obra combinada de um ancião João e um escriba amoroso que reverenciava grandemente o líder de sua igreja ou comunidade. (BORCHERT, 1996, p.90).

Apesar do esforço de Brown em apresentar uma teoria composicional mais objetiva e coerente, algumas falhas marcam negativamente sua tentativa. Essas são listadas abaixo.

Em primeiro lugar, deve-se ponderar seriamente a razão que leva Brown a questionar as evidências internas e externas que, segundo ele mesmo, tão claramente apontam para o apóstolo João como autor do evangelho (BROWN, 1967, p. XCIX). Ao que parece, com exceção de pressuposições estranhas ao próprio texto, não parece haver razão plausível para isso, a não ser um “modismo acadêmico” de negar aquilo que o próprio texto bíblico tem como certo. Ao recorrer ao método “tesoura e cola” afirmando que os dois textos que apontam João como autor devem ser considerados como adições posteriores (BROWN, 1967, p. XCIII), Brown demonstra uma abordagem unilateral ao texto, e como tal “anti-científica”, o que ele mesmo deseja evitar a todo custo (BROWN, 1967, p.C). Se João pode ser o originador da tradição, por que não pode ser o escritor da mesma, já que tanto a evidência externa quanto interna apontam para isso. Além, do mais a separação entre “autor” e “escritor” parece ser mais uma classificação moderna do que uma categoria que emerge do próprio texto.

Em segundo lugar, a teoria composicional de Brown não se distancia tanto da teoria das fontes. Ao avaliar a proposta de Brown, Carson afirma que “embora Brown prefira o termo tradição, ele defende um tipo de teoria de fonte, composta de especulações sobre o *Sitz im Leben*” do texto (CARSON, 2007, p. 44). Mesmo que o autor não busque identificar tais fontes no texto, sua proposta ainda que implicitamente mantém uma teoria de fonte no seio da tradição da comunidade. E como consequência “...teorias da fonte bastante amplas são inadmissivelmente especulativas e, muitas vezes, acabam por contradizer a única evidência textual que realmente se tem” (CARSON, 2007, p. 46). O mesmo pode se dizer do complexo desenvolvimento da tradição por trás do Evangelho defendido por Brown.

Em terceiro lugar, questiona-se o desenvolvimento de uma teoria de composição tão complexa se o que verdadeiramente importa é a forma final canônica do texto como o próprio autor admite. A partir disso, deve se indagar a verdadeira relevância de sua teoria. Ao que parece, quando Brown afirma que deseja apresentar uma “uma teoria moderadamente crítica da composição do Evangelho” ele está buscando conciliar duas correntes: uma conservadora e outra crítica-liberal. Ao que tudo indica ele não consegue essa síntese. Ele não espera admitir que João é o autor do evangelho, embora o coloque como fonte original da tradição. Ao mesmo tempo prefere uma intrincada composição com várias mãos distribuídas em etapas diferentes, embora em seu comentário trate o texto como uma unidade literária unificada.

Em quarto lugar, as razões que o levam a entender que há mais de uma mão no Evangelho podem ser resolvidas a partir de uma adequada análise

literária que respeite o caráter unificado da obra joanina. Assim, não é preciso chegar a mesma conclusão de Lindars: “há transições abruptas e aparentes deslocamentos, que tornam impossível considerar a obra como escrita tudo de uma vez” (LINDARS, p.46). Ora se o evangelho tivesse verdadeiramente passado por um processo editorial tão longo e minucioso não se esperaria tais “transições abruptas e aparentes deslocamentos” na presente forma do Evangelho de João. A não ser que se pressuponha uma incapacidade editorial “congênita” em autores/editores do primeiro século. Com certeza, este não parece ser o caso.

Em quinto lugar, ainda sob a influência do historicismo a visão de Brown sobre a comunidade joanina e sua tradição ao redor do evangelho parece pressupor uma visão desenvolvimentista, que atualmente tem sido rechaçada nos estudos bíblicos. Tal visão entende que a comunidade cristã precisaria de muito mais anos para desenvolver uma teologia (e no caso de João uma cristologia) mais “evoluída” ou complexa. No entanto, descobertas como os Rolos do Mar Morto tem sistematicamente negado esta tese e demonstrado complexidade de pensamento teológico mesmo em tempos bem primitivos.

Por fim, a teoria de Brown está além da possibilidade de ser provada. Citando Kysar Carson afirma: “se o evangelho se desenvolveu de maneira semelhante à sugerida por Brown e Lindars, então está completamente fora do alcance dos estudiosos e dos historiadores de João produzir uma tentativa de prova de que este foi o caso” (2007, p.44). Por isso, sua teoria no mínimo beira a especulação. Não é possível encontrar nem no texto nem na tradição cristã primitiva evidências que apontem para um apóstolo João distinto de um Discípulo Amado, de um Evangelista e de um Redator.

Tendo em vista a discussão acima proposta, apesar de seus aspectos positivos a teoria composicional deve ser rejeitada. Pois (1) não leva em conta as evidências históricas e textuais que apontam João como autor; (2) não se desvincula totalmente da teoria das fontes, algo que hoje já pode ser considerado uma abordagem ultrapassada tendo em vista sua subjetividade e ineficácia; (3) não produz resultados relevantes para a análise do próprio autor que se aproxima do livro como uma unidade literária; (4) não avalia com total propriedade as supostas aporias joaninas reputando-as como mera consequência de um processo desorganizado de edição; (5) não está desvinculada de uma ultrapassada visão desenvolvimentista da produção literária do cristianismo primitivo; e (6) não pode ser provada como verdadeira, sendo assim especulativa.

Embora não seja a proposta principal desse breve estudo propor uma reconstrução hipotética de como o Evangelho de João foi composto, a seguir será transcrita a proposta de Carson. Ao que parece, ela leva em conta tanto a evidência interna quanto a externa do livro em si, enquanto considera a obra joanina como uma peça unificada. Carson não desconsidera certo uso de

fontes orais ou escritas (algo presente nitidamente nos sinóticos, especialmente em Lucas), porém o restringe consideradamente tendo em vista a própria evidência textual. E é exatamente nesse ponto que sua proposta apresenta sua força, a saber, a construção de um quadro que emerge do próprio texto e não da imaginação de um erudito distante geográfica, cultural e historicamente dois mil anos dos acontecimentos que “desembocaram” no Evangelho. Sua proposta está resumida a seguir:

“Parece muito mais provável que o evangelista, ele mesmo um pregador cristão, proclamou o evangelho durante anos. Sem dúvida, ele fez anotações; sem dúvida aprendeu com outros e incorporou o trabalho de outros. Mas seja o que for que ele tenha tomado de outras fontes, como todo bom pregador, ele assimilou e tornou esse conteúdo seu, algo que seu alto grau de uniformidade de estilo o demonstra muito bem. Oportunamente ele reuniu o material e publicou como um livro. Algo muito provável é que ele tenha produzido o material em etapas, pois não há qualquer evidência textual de diferenças entre as primeiras e últimas edições.(...) Não há necessidade de um redator eclesiástico para finalizar. Os saltos inconvenientes de uma ou de outra natureza são exatamente o tipo de coisa que um autor pode deixar na suposição que um editor os resolva. No que diz respeito à compreensão de João sobre sua tarefa, podemos comentar a liberdade que ele sentiu para usar sua própria linguagem, os princípios de escolhas que orientaram sua escolha do material, a natureza da audiência que ele previa, o foco de seus interesses, seu admirável hábito de ir ao coração em cada ponto. Mas não devemos facilmente supor que alguém que sentia com tanta intensidade a importância da fidelidade em seu testemunho inventaria narrativas e diálogos para transmiti-los como história” (CARSON, 2007, p. 48

POR QUE DISCUTIR A COMPOSIÇÃO DE JOÃO?

Resta ainda uma questão a ser considerada. Ela diz respeito à relevância da discussão aqui desenvolvida. Seria importante indagar sobre a razão prática de se discutir sobre as teorias de composição do evangelho joanino e até que ponto isso interfere na compreensão do livro como um todo. Já que há livros bíblicos dos quais pouco ou nada se sabe de sua composição ou autoria, e nem por isso sua autoridade não é questionada, que diferença há no caso de João?

Por isso, neste ponto se deve buscar as implicações práticas de se aceitar ou não a teoria composicional de Brown. Depois de expor sua teoria ele chega a uma conclusão quase inevitável. Segundo Brown, a implicação

da composição em cinco etapas é a habilidade limitada da forma final do evangelho em “fornecer um retrato cientificamente acurado de Jesus” (embora não esclareça o que quer dizer com “cientificamente”) (BROWN, 1967, p. XLVIII). Assim, ele acrescenta “não pretendemos tentar ou ser capazes de decidir com qualquer consistência precisamente quanta história científica perpassa cada cena joanina” (BROWN, 1967, p. XLVIII). Ele torna a questão ainda mais clara ao afirmar que “a remodelação teológica do material joanino é muito mais difícil de usar na busca do Jesus histórico do que a maioria do material sinótico” (BROWN, 1967, p. XLIX). Consequentemente para ele “a intenção do autor era produzir não um documento de história, mas de fé” (BROWN, 1967, p. XLIX).

A implicação é óbvia, o evangelho de João não pode ser visto como um documento histórico que fidedignamente apresente um retrato verdadeiro de Cristo. Lindars chega ao mesmo ponto de vista. Para ele a história de composição do livro deve “levar a um grau de ceticismo concernente o valor do quarto evangelho como um documento histórico.” (LINDARS, 1981, p.54). Sendo assim, “o quarto evangelho não pode reivindicar confiabilidade histórica” (LINDARS, 1981, p.34).

Em certo sentido ambos estão certos. Pois, uma vez aceita, tal teoria composicional, na qual ao longo dos anos o evangelho passa por várias mãos dentro de uma comunidade, não é difícil nutrir certa desconfiança da informação transmitida.

A partir dessas conclusões parece ficar claro que a aceitação da teoria composicional de Brown implica no questionamento da confiabilidade histórica da narrativa joanina sobre a vida de Jesus. No próprio Evangelho a questão da autoria está ligada à confiabilidade histórica do relato. De acordo com Borchert, o Epílogo de João liga a questão da escrita do Evangelho com “a questão mais abrangente da confiabilidade histórica” (1996, p.81). Assim se lê em 21:24, este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.

Não há tempo e espaço para essa discussão aqui, mas criar uma dicotomia entre teologia e história não parece ser um bom caminho. Se o evangelho joanino não retrata fielmente o que ocorreu como sua teologia pode ser confiável. Deus se revela historicamente. Por isso, na Bíblia como um todo não há teologia sem história. Então, negar a historicidade do evangelho é negar a própria reivindicação do texto. De que modo uma “estória” criativamente transmitida pode oferecer verdadeiros insights teológicos que reivindicam estar ligados inextricavelmente aos fatos relacionados à vida de Jesus?

Assim, quando se avalia a teoria composicional de Brown à luz de suas fraquezas metodológicas e à luz dessa negação da confiabilidade histórica decorrente disso, parece ser um tanto quanto temerário adotá-la. Sua adoção

não apenas interfere no modo que historicamente se lida com o quarto evangelho, mas com sua teologia e mensagem. Não se pode fazer isso sem consequências hermenêuticas e teológicas profundas. Não é possível questionar a confiabilidade histórica dos Evangelhos sem comprometer sua mensagem teológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, como se vê, aceitar a teoria composicional de Brown requer não só uma reinterpretação total de toda a evidência disponível, mas uma negação consciente tanto da evidência externa quanto interna da autoria joanina. Não há qualquer base textual clara que aponte para o desenvolvimento de uma tradição como aquela proposta por Brown. Embora sua tentativa de se distanciar das especulativas discussões das fontes joaninas seja louvável, sua teoria não consegue se livrar desse viés.

Não foi o propósito deste estudo propor uma teoria composicional do evangelho de João. No entanto, a partir da avaliação do pensamento de Brown sobre o assunto é possível discernir alguns caminhos para isso. Qualquer proposta deve (1) avaliar adequadamente o peso da evidência externa e interna que aponta para a autoria joanina. Parece certo que partir da premissa que isso não é verdadeiro sem qualquer bom motivo para tal, simplesmente por um “modismo” acadêmico, é um tanto quanto anticientífico e ilegítimo. Além disso, (2) deve levar em conta a forma final do livro como uma unidade literária. Em sua análise verso por verso do livro Brown parece seguir essa diretriz, mas infelizmente, e até certo ponto inexplicável, não faz o mesmo ao formular sua teoria composicional. E por fim, (3) deve se afastar de qualquer reconstrução histórica que dependa unicamente da imaginação e represente uma rejeição consciente das evidências textuais e extratextuais do evangelho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEASLEY-MURRAY, G. R. **John**: Word Biblical Commentary. v. 36. Dallas: Word, Incorporated.

BORCHERT, G. L. **John 1–11**: The New American Commentary. v. 25A. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996.

BROWN R. E.; ALBRIGHT, William Foxwell (Org). **The Anchor Bible**: John. New York: Doubleday e Company, 1967.

_____. **An Introduction to the Gospel of John**. ed. F.J. Moloney. New York: Doubleday, 2003.

BRYANT, B. H.; KRAUSE, M. S. **John**: The College Press NIV commentary. Joplin, Mo.: College Press, 1998.

CARSON, Donald A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira, Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

ELWELL, W. A. **Evangelical commentary on the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1996.

FALEY, Roland J. Raymond E. Brown: A reflection. **Atlas Serials**. Out, 1998. p.27-28

JAMIESON, R., FAUSSET, A. R., BROWN, D. **John**: a commentary, critical and explanatory, on the Old and New Testaments. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997.

KIEFFER, René; BARTON, J.; MUDDIMAN, J. **John**: Oxford Bible commentary. New York: Oxford University Press, 2001

KÖSTENBERGER, A. J. (2004). **John**: Baker exegetical commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2006

LINDARS, Barnabas. **The gospel of John**. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.

MARTYN, J. **History and Theology in the Fourth Gospel**. Nashville: Abingdon, 1979.

MOLONEY, Francis J. Raymond Brown 's New Introduction to the Gospel of John: a presentation – and some questions. **The Catholic Biblical Quarterly**. n. 65, 2003.

THOMAS, D. **The genius of the fourth Gospel**: a homiletical commentary on the Gospel of John. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997.

Enviado 11/10/13

Aceito 12/11/13